

SENSIBILIDADES URBANAS: O LUGAR DO LIXO, DO SUJO E DO LIMPO EM CAMPINA GRANDE (1947 A 1992)

*Hilmária Xavier Silva*¹

RESUMO

As medidas de limpeza públicas das administrações municipais mudaram nas últimas cinco décadas em cidades de médio e grande porte, na medida em que as demandas urbanas cresciam, incomodavam, pediam soluções. Problemas e conflitos de toda ordem rondam a cidade e alteram suas sensibilidades, mas como pensar o lixo através da História? Como pensar aquilo que se descarta e os problemas que isto causa à sociedade há tempos? O lixo, a sujeira, a poluição e o mau cheiro sempre estiveram relacionados às sensibilidades urbanas? A partir destas observações iniciais, apontamos nosso problema de estudo: pensar como em Campina Grande, entre os anos entre 1947 e 1992, eram concebidas as questões concernentes ao lixo e à limpeza pública. Pensar especialmente as significações e ressignificações dadas ao lixo, ao que era considerado sujo, limpo, contaminado, descartável, feio em Campina Grande; pensar como as sensibilidades urbanas referentes ao lixo, ao sujo e ao limpo eram trabalhadas pelos moradores da cidade, tanto por aqueles cidadãos simples, ordinários, como por aqueles responsáveis pela administração pública e gerências da organização da cidade; pensar em que contexto e em como o lixo passou a ser problema urbano em Campina Grande. Por fim, problematizar os usos que se faziam do que era descartado, a partir da lógica do lixo enquanto fonte de sobrevivência para alguns e fonte de contaminação para outros.

Palavras-chave: Cidades – Sensibilidades – Lixo.

O texto que ora se apresenta originou-se de uma observação aparentemente simples: toda e qualquer atividade humana implica em um descarte. Seja essa atividade intelectual ou emocional, quando o que pensamos ou concebemos no campo da memória é deslocado para o campo do esquecimento, seja essa atividade fruto de um trabalho que resulta em materialidade, e esse material é descartado, jogado fora.

¹Mestre em História pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Campina Grande e Doutoranda em História pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Pernambuco. Realiza pesquisa sobre cidades, História Cultural e História Social. hilmariax@yahoo.com.br

Consideramos que o conceito de “lixo” não é delimitado. Lixo pode ser aquilo que outrora utilizamos e não nos serve mais. Materiais sólidos sem utilidades que podem ser descartados, eliminados. Lixo pode ser produzido em pequena escala, por pessoas que moram sozinhas ou pequenas famílias que diariamente se desfazem dos restos do que consomem para sobreviver. Lixo pode ser produzido em larga escala, por feiras, mercados, indústrias. Lixo pode ser orgânico, inorgânico, reciclado, reutilizado, reaproveitado. O lixo pode tornar-se novo. Lixo pode ser sujeira, veículo de mau cheiro e contaminação de doenças e pestes, em geral, sobretudo, algumas pessoas vivem do lixo. Lixo pode ser fonte de alimentação, emprego e sobrevivência para muitos. O lixo é produzido por milhões.

Há que se levar em conta que essa gama de significados e atribuições dadas ao lixo, faz dele um dos maiores problemas urbanos de nossa sociedade e objeto de preocupação de saberes e áreas diversas, a exemplo da química, da medicina, dos recursos ambientais, da administração, das ciências sociais, das engenharias de produção, entre outras. Mas como pensar o lixo através da História? Como pensar aquilo que se descarta e os problemas que isto causa à sociedade há tempos? O lixo, a sujeira, a poluição e o mau cheiro sempre estiveram relacionados às sensibilidades urbanas? A partir de que momento nós começamos a perceber e nos incomodar com a limpeza urbana?

As medidas de limpeza públicas das administrações municipais mudaram nas últimas cinco décadas em cidades de médio e grande porte à medida que as demandas urbanas cresciam, incomodavam, pediam soluções. Problemas e conflitos de toda ordem rondam a cidade e alteram suas sensibilidades, reorganizam suas memórias: o lugar dos pobres, a desventura dos que conheceram a violência, a fome, as investidas dos planejadores da cidade, e a dos anônimos que efetivamente a produzem todos os dias, e tecnologias que não dão conta das demandas urbanas a exemplo do transporte, do acesso aos serviços de saúde, educação, moradia, trabalho e, também, limpeza pública.

A partir destas observações iniciais, apontamos nosso problema de estudo: pensar como em Campina Grande, entre os anos de 1947 a 1992, eram concebidas as questões concernentes ao lixo e à limpeza pública. Pensar especialmente as significações e ressignificações dadas ao lixo, ao que era considerado sujo, limpo, contaminado, descartável, feio em Campina Grande;

pensar como as sensibilidades urbanas referentes ao lixo, ao sujo e ao limpo eram afloradas e trabalhadas pelos moradores da cidade, tanto por aqueles cidadãos simples, ordinários, como por aqueles responsáveis pela administração pública e gerências da organização da cidade; pensar em que contexto e em como o lixo passou a ser problema urbano em Campina Grande. Por fim, problematizar os usos que se faziam do que era descartado, a partir da lógica do lixo enquanto fonte de sobrevivência para alguns e fonte de contaminação para outros.

Pensar questões sobre lixo e limpeza urbana em Campina Grande é uma decorrência das observações das demandas urbanas atuais a partir do nosso olhar e inquietação enquanto cidadã e historiadora. É pensar como o lixo, problema ambiental e urbano, foi sendo significado e ressignificado a partir de uma reflexão histórica e cultural.

No início da década de 1940, Campina Grande atravessou uma de suas maiores reformas urbanas feitas até então pelo polêmico prefeito Vergniaud Borborema Wanderley. Baseado no “código de obras” elaborados em sua administração, Vergniaud Wanderley reformou todo o centro da cidade de Campina Grande. O objetivo era modernizar a cidade, calçar e alargar ruas, abrir avenidas, aformosear e modernizar o centro da cidade de forma semelhante às reformas urbanas feitas nos grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo. Depois da reforma, na Campina que se dizia/pretendia moderna/modernizada, o que fazer com aquilo que não servia? O que fazer o que havia sido “varrido” do centro da cidade e empurrado para a periferia?

A partir do final da década de 1940 e início de 1950, Campina Grande passa por uma significativa urbanização e expansão, favorecida pelo crescimento econômico e populacional, o qual se deu, sobretudo, por causa da produção do algodão em larga escala. O aumento desta produção no interior paraibano atraiu capital para a cidade que passou a ser aplicado na construção das primeiras indústrias; na disponibilidade dos serviços como cinemas, colégios, luz elétrica, abastecimento de água e esgoto e na implantação da linha férrea na cidade. Todos estes aparatos técnicos vão promover uma maior dilatação da cidade para além do centro tradicional.

Assim, estabelece-se uma diferenciação urbana entre centro e periferia, a qual passa a se constituir a partir dos subúrbios. A área central transforma-se

em uma paisagem com ares mais modernos. Desse modo, o centro começa a se tornar uma área valorizada e destinada ao comércio e à elite da cidade. Em contrapartida, tem-se a ocupação de novas áreas destinadas às pessoas retiradas do centro e aos migrantes de outras cidades. A população pobre começava a ocupar os bairros periféricos que iam surgindo. Assim, foram se formando bairros finos e bairros baixos, bairros comerciais, de trabalhadores morigerados, de homens de bem e bairros ambíguos, suspeitos. (SOUZA, 2006, p. 121)

Campina Grande, como cidade de destaque na região nordeste, possuiu um poder de concentração de pessoas oriundas das cidades pequenas de sua área de influência, que a procuravam em busca do comércio e dos serviços. Verifica-se que desde os anos 40; a cidade possuía uma aglomeração considerável de mais de 20.000 habitantes e 8.838 casas na cidade. (SILVA FILHO, 2005, p. 161).

Em Campina Grande, a partir desse período verificamos também o aparecimento de agência bancárias. Instalaram-se o Banco Industrial de Campina Grande, Banco do Comércio de Campina Grande e o Banco do Povo. Empresas de aviação passam a operar no aeroporto local, observamos o aumento de entidades culturais e assistenciais, e ainda, o aumento considerável de casas comerciais. Depois do fim da segunda guerra mundial, instalaram-se e desenvolveram-se indústrias na cidade, o que proporcionou a formação de novos bairros, como a Prata, que seriam ocupados por industriais e comerciantes. Especialmente nesse contexto que se acentua também o processo de concentração fundiária que obriga o homem do campo, sem terra, a procurar a cidade, o que contribui para um aumento populacional de 114% entre 1940 e 1950. (SOUZA, 1988)

Os moradores de Campina Grande, frente a essas mudanças viam-se obrigados a aprender a conviver em seus espaços de forma diferente, pois o uso que se fazia dele (o espaço) foi redefinido em função das ocupações, do aglomerado de pessoas, pelo desconforto. A imagem tradicional da cidade estava sendo modificada por homens que foram atraídos pela possibilidade de terem êxito em Campina. Assim, até mesmo as formas de sociabilidade e os códigos velados de convivência foram alterados. Uma outra forma de viver e de viveres se instaurava na cidade.

Em 1947 assume a prefeitura de Campina Grande o médico e historiador Elpídio Josué de Almeida. Como historiador, Elpídio de Almeida escreveu o livro História de Campina Grande e era membro do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. Como médico, se preocupava com as questões de saúde pública, higienização dos corpos e dos espaços. Como prefeito, se ocupou, dentre outras medidas administrativas, em intensificar o serviço de limpeza pública e coleta de lixo da cidade. O senhor Elpídio administrou Campina Grande em dois momentos, de 1947 a 1951 e de 1955 a 1959.

Segundo consta nos Semanários Oficiais da Prefeitura² desde o ano de 1957, a prefeitura realizava estudos para aproveitamento do lixo e sua transformação em adubos orgânicos. O prefeito Elpídio de Almeida, em 1958, comprara caminhões de coleta da Inglaterra e firmara contrato com uma firma londrina para realizar os trabalhos de industrialização e aproveitamento do lixo e dos resíduos do matadouro público. Efetivando-se o acordo, Campina Grande seria a primeira cidade do norte e nordeste a beneficiar-se com este serviço, o que além de trazer melhorias econômicas para a cidade, melhoraria as condições higiênicas da urbe.

Provavelmente em decorrência de todo esse investimento nos serviços de limpeza, em 1959 a prefeitura aumentou em 2% os impostos pagos pelo serviço de limpeza pública, o que desagradou boa parte da população campinense. Esta, a população, como era de direito e de costume, reclamava do que parecia excesso da prefeitura.

Neste período, a coleta do lixo da cidade era feita de segunda a sábado, onde caminhões passavam pelos bairros recolhendo sacos e baldes de lixo e levando-os ao lixão inicialmente localizado no bairro do Prado, lugar propício para o despejo dos descartados em razão dos declives característicos da topografia daquela região. O Prado era um bairro periférico da cidade³. Pouco visto, pouco visitado. Diferente do centro, de onde partiam as preocupações com o asseio e aspecto da cidade.

Neste período observamos uma troca de reclamações entre a população e a prefeitura. A população questionava o serviço de limpeza, sobretudo em

² Os Semanários Oficiais entraram em vigor e foram distribuídos à população na administração do então prefeito a partir de 1955. Estão dispostos no Arquivo Público Municipal de Campina Grande.

³ Hoje o bairro chama-se Catolé, e é um dos mais valorizados da cidade em função da especulação imobiliária ocorrida na região e dos investimentos em estabelecimentos comerciais a partir da década de 1990.

relação ao custo benefício dos impostos pagos. Burlava a ordem estabelecida por meio do descumprimento das determinações da prefeitura que publicava nota oficial nos semanários. Essas notas ordenavam, por exemplo, que o lixo descartado nos domingos não deveria ser posto nas ruas ou nas calçadas das casas, mas somente nos dias de coleta. O principal argumento era de que o lixo nas calçadas enfeava as ruas da cidade, incomodava os transeuntes e visitantes da urbe com seu mau cheiro.

O debate entre as ações dos populares e as ações das autoridades da administração municipal foi parar em outros espaços de construção/manutenção de memórias além no semanário, iam também para os jornais. Neles, especialistas de várias áreas do saber escreviam comentários acerca das questões de limpeza pública. Como exemplo, temos uma matéria publicada em outubro de 1957 pelo engenheiro Lynaldo C. Albuquerque, onde ele classificava os tipos de lixo produzidos em Campina Grande – lixo domiciliar, de feiras e industrial; lixo de poda; lixo de varrição – apontava os recursos disponíveis para a coleta – 2 caminhões fechados, 1 caminhão aberto, 1 trator com carroção – e indicava o que, a seu ver, era necessário para a melhoria do serviço – 6 caminhões fechados, aproveitamento do lixo e transformação em adubo orgânico⁴.

Findada as duas administrações do prefeito cujo título de médico reforçava suas preocupações com a limpeza e higiene da cidade, a passagem do ano de 1959 para 1960 nos traz Severino Cabral como administrador de Campina Grande. Cabral, considerado o pai dos pobres pela política assistencialista que desenvolvia na cidade, pareceu seguir o mesmo plano de serviços de limpeza de Elpídio de Almeida, se preocupando em investir em maquinarias apropriadas para a coleta do lixo. Em destaque nas páginas do semanário dos idos de 1960, estava escrito em letras garrafais que Severino Cabral inaugurou um moderno equipamento de limpeza pública – que consistia em um caminhão com guindaste para a remoção do lixo – e investiu altas cifras na compra de caixas embutidas para coleta do lixo que foram instaladas em diversos quarteirões da cidade. Esse novo sistema de coleta, além da cidade de Campina Grande, só era usado pelas cidades de Brasília e pelos estados de São

⁴ Matéria publicada em 02 de outubro de 1957 pelo Diário da Borborema.

Paulo e da Guanabara, o que indica para o leitor que o que se almejava era o modelo de cidade do sudeste.

No entanto, segundo consta nos semanários, o melhor feito da prefeitura sob a administração de Severino Cabral foi a compra de luvas de borracha e máscaras para os garis e diaristas. A nota ainda sugere que esta medida era uma preocupação da prefeitura para com as boas condições de trabalho dos garis, para que eles não se contaminassem diretamente ou corressem riscos de adoecer devido ao contato direto com o lixo, demonstrando assim, uma preocupação da prefeitura com a saúde do seu funcionário. Esta nota nos leva a refletir sobre a partir de que momento fica registrado uma mudança de formas de lidar e manusear o lixo, formas de preocupação com a saúde e os riscos de contaminação para aqueles que trabalham. O que para nós hoje é comum e indispensável – o uso de equipamentos de segurança do trabalho - só foi ser objeto de atenção da administração pública neste período.

Apesar disto ainda era comum o debate sobre a responsabilidade da sujeira e da limpeza da cidade. Os jornais, ora apontavam a sujeira das ruas centrais da cidade como uma irresponsabilidade e falta de cooperação da população, inclusive donos de estabelecimentos comerciais, por jogarem o lixo de suas casas e comércios nas ruas, a exemplo da rua Maciel Pinheiro, importante artéria central; ora diziam que a sujeira das ruas era fruto do desleixo dos servidores da prefeitura que deixavam cair restos de lixo desprendidos dos depósitos e das carrocerias dos caminhões, contribuindo assim para a sujeira das ruas. O que muitos sugeriam a prefeitura era a manutenção, assim como os depósitos de lixo, de garis permanentes nas ruas do centro da cidade. Podemos perceber que o debate é colocado no palco do centro da cidade, mas na periferia, como isto acontecia? Os jornais e semanários não apontam claramente.

Enquanto essas questões eram colocadas, quando o desenvolvimento do país parece atingir seu ponto máximo em 1960, atraindo inclusive indústrias automobilísticas, e politicamente passa por momentos de tensão com o golpe militar de 1964, Campina Grande recebe a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), implanta seu distrito industrial, mas perde para Recife o seu lugar de destaque enquanto pólo comercial e perde para João Pessoa o primeiro lugar na economia do Estado. Apesar disso, foi destaque

no Estado como centro educacional com o desenvolvimento da Escola Politécnica, da Universidade Federal da Paraíba, da Universidade Regional do Nordeste e da construção do Teatro Municipal, que levou o nome do prefeito Severino Cabral. (FERNANDES, 2010)

Em 1964, já na administração do então prefeito Williams Arruda, a cidade de Campina Grande comemorava seu centenário. Uma grande festa foi pensada e preparada por uma comissão designada para tal fim desde o ano de 1961, ainda na administração de Severino Cabral. Nela, muita pompa, beleza, demonstração de civismo, a elite fazendo e acontecendo para marcar as páginas da história da cidade, e os populares comemorando e contemplando quanto podiam nas ruas, assistindo aos desfiles na Avenida Brasília e Açude Velho e indo aos bares nos bairros, já que as portas de clubes como o Campinense Clube, o Clube Médico Campestre, a AABB ou o Grêmio Recreativo dos Soldados e Sargentos do Exército não abriam suas portas para que eles, os populares, participassem do “grande baile de gala do centenário”. (SOUZA, 2010)

Antes da festa, João Jerônimo da Costa, prefeito em exercício, publicava no semanário⁵ que a cidade precisava da colaboração da população para manter a cidade completamente limpa em razão dos festejos porque “se aproxima o mês de outubro, mês do centenário”. No mesmo semanário, a prefeitura comunica aos cidadãos que irá realizar um “verdadeiro rush visando transformar a fisionomia da cidade” através da limpeza de todas as artérias que levam as ruas centrais da cidade, mesmo que para isso a SURBAN, empresa encarregada do serviço, tenha que contratar pessoal extra. Segundo a nota, o trabalho seria iniciado pelas margens das rodovias que dão acesso à Campina Grande até atingir o centro da cidade. Completando, a prefeitura adverte a população dizendo que “espera-se, simplesmente, a colaboração e cooperação do povo campinense não concorrendo para que o trabalho dessa poderosa equipe que se encarregará de tão importante serviço seja inútil. É necessário, para tanto, que não joguem mais lixo nos leitos das ruas e todo mundo, particularmente quem reside no perímetro urbano, desde o bairro do Cruzeiro ao Alto branco, ou do Santo Antonio à Bodocongó, do Catolé à Prata ou da Palmeira à Liberdade,

⁵ Em 13 de setembro de 1964, disponível no Arquivo Público Municipal.

passem a utilizar caixões para a colocação do lixo, contribuindo assim, decisivamente, para o pleno êxito do trabalho”.

Os cuidados com o lixo, a limpeza e o asseio das ruas foram apontados pela prefeitura antes do centenário. Mas as providências tomadas depois da festa não foram noticiadas. O que ocorreu depois das festas, dos desfiles, com os panfletos, com os papéis, com as bandeiras e com restos de embalagens de comidas e bebidas depois da festa, depois que os visitantes, os empresários e políticos influentes foram embora?

Além dos discursos dos prefeitos, outras autoridades advertiam quanto aos perigos do lixo e da sujeira das ruas. A secretaria de saúde da cidade também expunha pequenas notas nos semanários lembrando a população da importância de hábitos de higiene, como lavar as mãos e os alimentos antes de consumir, ou de cuidar em guardar o lixo produzido e descartado em depósitos fechados ao invés de jogá-lo em terrenos baldios para evitar a proliferação de moscas e outros insetos, e, através deles, de doenças.

Nas administrações do então prefeito Ronaldo Cunha Lima, em 1969 e de 1983 a 1989, o chamado “rush” para a limpeza também era noticiado. Mas a cidade, para além do centro, estava inteiramente contemplada?

Ainda nos anos 1970 e início dos 1980 dois grandes projetos de melhorias urbanas foram instalados na cidade. O primeiro deles foi o Programa Cidades de Porte Médio – PCPM, e o segundo; o Projeto Comunidade Urbana para Renovação Acelerada – CURA. Vamos refletir rapidamente sobre esses dois programas⁶.

Campina Grande já era considerada desde a década de 1950 uma cidade de porte médio. Por cidades médias, em linhas gerais, se consideram aquelas com mais de 50.000 habitantes. Desde os anos de 1960, Campina Grande já contava com mais de 100.000 habitantes, sendo contemplada assim pelo II PND, Plano Nacional de Desenvolvimento, programa federal cujas propostas eram realizar um ajuste estrutural na economia brasileira, revitalizar algumas cidades brasileiras de porte médio com a finalidade de estimular a produção de insumos básicos, bens de capital, alimentos e energia. Em Campina Grande o projeto se deu nos anos de 1976 e 1977. Já o projeto CURA tinha preocupações

⁶ Ambos programas foram desenvolvidos da administração do então prefeito Enivaldo Ribeiro, que governou Campina Grande entre 1977 e 1982.

mais de ordem urbanística. Como o crescimento e expansão da malha urbana de Campina Grande se ocorreram de forma espontânea e aleatória, o projeto se propunha orientar a expansão da cidade e incentivar a ocupação dos vazios. Foi pensado como base do Plano de Desenvolvimento Local Integrado, elaborado em 1972, e teve três etapas de execução; o CURA I, II e III. Mas o que se observa é que as diretrizes para a limpeza urbana não eram claramente delimitadas nos projetos. (SOUZA, 2012).

As administrações municipais se sucederam os problemas com lixo urbano também. Em 24 de dezembro de 1975, a página principal do Diário da Borborema⁷ ao invés de noticiar o advento do natal, estampa em letras de maiúsculas que a Pedreira do Catolé estava recebendo cerca de 150 toneladas de lixo por dia e logo abaixo da notícia a foto de duas crianças aparentemente com menos de 10 anos de idade revirando o lixo e se expondo aos riscos à saúde.

Ainda na mesma matéria, o geólogo da SUDENE José do Patrocínio Tomás de Albuquerque, faz uma denúncia ao jornal sobre a forma como o lixo descartado da Casa de Saúde Dr. Francisco Brasileiro, situada no bairro da Prata, estava ameaçando a saúde da população vizinha. Segundo o denunciante, o lixo que era composto por placentas, absorventes femininos usados, gessos, material usados em curativos, depósito de soro, seringas, restos de alimentos e outros detritos, eram jogados em terrenos baldios nas imediações da Casa de Saúde, vizinhos à casa do denunciante. Segundo ele, foram feitos contatos e reclames com a direção da Casa de Saúde, mas esta, assim como a prefeitura, não havia tomado nenhuma providência em 10 meses que se passaram depois do primeiro contato. Ali, segundo o senhor José do Patrocínio, homens e bichos se misturavam para revirar o lixo. Parece-nos problemático que uma casa de saúde estivesse tratando com esse desleixo as questões referentes à saúde pública.

Aqui cabe uma observação quanto às denúncias ou apelos feitos aos órgãos municipais. Na maioria das vezes as queixas dirigidas às autoridades públicas, no que dizia respeito aos impostos ou à falta de limpeza urbana, vinham da parte de intelectuais ou letrados. Os registros das opiniões ou reclamações oriundas dos setores mais pobres são raros de se ver. O que encontramos até então são alguns registros de jornais e de relatos orais de

⁷ Diário da Borborema, edição de 24 de dezembro de 1975.

memória feitos dos cidadãos que viveram e experimentaram a cidade no período estudado.

No final da década de 1980 e início da década de 1990, os problemas de limpeza pública pareceram crescer junto com a expansão da cidade e o aumento populacional observado nas últimas décadas. A cidade referendada como tendo um dos melhores parques tecnológicos da América Latina, graças aos avanços da produção de softwares, símbolo do moderno daqueles anos, ainda sofria com a sujeira que contaminava ruas e corpos.

Em 1992, marco temporal que por hora se encerra nossa pesquisa, a cidade tem a área do Aeroporto João Suassuna, próxima a saída de Campina Grande para a cidade de Queimadas, reservada para ser o lixão da cidade. O lixo que outrora era depositado em terrenos baldios pelos bairros, agora seria todo concentrado no Lixão depois de feitas as coletas. Entre os vários problemas com a instalação do novo lixão apontados por especialistas de vários campos, que iam desde engenheiros, ambientalistas, geógrafos à assistentes sociais, os mais graves e de ação mais impactante para a urbe foram: a erradicação da cobertura vegetal, provocando a degradação da paisagem natural; a desvalorização econômica da área; a proximidade com o Aeroporto João Suassuna, especialmente à pista de pousos e decolagens das aeronaves, motivo de preocupação devido à constante presença de urubus, o que pode causar graves acidentes quando o correto é que haja pelo menos 20 km de raio livre entre o aeroporto e qualquer área de risco. Isso sem falar nos catadores, homens e mulheres que iam retirar do lixão, daquilo que as pessoas descartaram por não mais servir, a sua fonte de sobrevivência, de alimentação e de renda.

O lixão abrangia uma área de cerca de três hectares, recebia o lixo domiciliar de todos os bairros de campina Grande-PB, bem como o lixo hospitalar. De acordo com as informações da cooperativa de catadores de lixo existiam em média 150 trabalhadores cadastrados na cooperativa, isso sem contabilizar os que trabalhavam livremente. O processo de realização do trabalho daquelas pessoas se dividia em duas fases: a cavação do lixo e a separação do material recolhido. A primeira acontecia concomitantemente com a descarga dos caminhões, a segunda constituía-se da separação do material -

plásticos, latas, borrachas, vidros, provocando danos à saúde humana e, consequentemente, à qualidade de vida da população⁸.

Pensar historicamente os usos do trato com o lixo e as concepções de sujo e descartável na cidade de Campina Grande durante os 45 anos que destacamos temporalmente como interesse de nossa pesquisa é pensar que não apenas os interesses das administrações municipais foram se modificando ao longo do tempo, mas também que a cultura da população também se modifica, quando aquilo que consideramos lixo ao longo do tempo passa por diferenças. Chamado de resíduos sólidos, o lixo passa a ser considerado como aproveitado em toda sua totalidade. Há também o chamado lixo tecnológico, cujo descarte merece mais atenção por parte das autoridades técnicas. O lixo domiciliar passa a ser tratado pela população com mais cuidado, visando a coleta seletiva. As empresas e hospitais se conscientizam, a sociedade e a mídia cobram das autoridades, mas, como sabemos, ainda há um longo caminho a percorrer e neles ainda muitos problemas a suprir.

Há que se considerar que os lixões um problema urbano e que é necessário legalizar o funcionamento dos aterros sanitários; que a periferia sofre mais com essas questões em detrimento do centro da cidade, visto que o centro é o cartão postal daS urbes; que empresas de pequeno, médio e grande porte devem se responsabilizar pelos resíduos produzidos e descartados; que pensar em políticas que assegurem ao trabalhador-catador diretos trabalhistas e segurança de trabalho; entender que algumas memórias de uma cultura material em nossa cidade foram mantidas e descartadas junto com o lixo que não servia.

Neste texto, objetivamos provocar inquietações que a atividade de historiador nos coloca. Pretendemos ainda, na ordem do sensível, pensar Campina Grande, as ruas da periferia de Campina. Quer seja passear através da narrativa, do contar história, do rememorar a cidade e nossa cultura pelos becos sujos e fétidos; quer seja atravessar a rua Maciel Pinheiro e suas casas comerciais e ver depósitos de lixo nas calçadas juntos aos postes; quer seja

⁸Ver “A Vida no Lixo e o Lixo na Vida”: Os fatores e riscos existentes no trabalho dos catadores precoce de lixo na cidade de Campina Grande- PB. Disponível em http://www.sbpnet.org.br/livro/58ra/SENIOR/RESUMOS/resumo_2787.html

relembrar os apelidos que as ruas ganhavam em função do lixo e sujeira espalhados nos chão, como a rua Venâncio Neiva, apelidada de Rua da Merda, de tão fétida que era a travessia depois dos dias de feira; quer seja passar ao lado do canal do prado e sentir o odor ruim das águas escuras; quer seja passar pela feira central, pelas famosas ruas Manoel Pereira de Araújo, Marcílio Dias, onde durante os dias eram cascas de frutas e verduras que se espalhavam no chão, mas a noite eram os pés de boêmios, amantes, bêbados e prostitutas dos cabarés que se espalhavam juntos às latas, garrafas de bebidas e piolas de cigarro; quer seja passar pelos bairros periféricos, as ruas, os becos, as escadarias da Favela da Cachoeira, onde o lixo juntamente com as fezes eram atiradas no córrego que cortava a favela; quer seja passar pela da Rua Campo Sales em José Pinheiro onde havia de igreja a cinema, templos para cada gosto, ou pelas ruas do bairro da Liberdade, das Malvinas, tão cheias de “invasores”; quer seja olhar a paisagem visual da cidade olhando pro chão, pros cantos, pros amontoados, ver e sentir o cheiro do que a muitos desagrada e repudia.

A memória é sentimento. O esquecimento é sentimento. O descarte é sentimento. As práticas culturais e experimentação da cidade é sentimento. É sentir. E não há como não sentir algo ao passar em frente a um trabalhador catador de lixo e vê-lo suando sob o sol levando em uma carroça dejetos que virarão dinheiro e alimento para a família, enquanto muitos simplesmente desperdiçam. Não há como não sentir quando um transeunte atira um papel ao chão e ignora o varredor que está com sua vassoura e balde ao lado. Não há como não sentir quando vemos as crianças num bairro de periferia correr às calçadas quando escuta ao longe o barulho do caminhão do lixo com os garis que mais parecem malabaristas, fortes, correndo atrás do caminhão ziguezagueando pelas calçadas, levantando sacolas pesadas, atirando-as às caçambas e se pendurando perigosamente às barras da lateral do caminhão sem cair enquanto uma barra de ferro esmaga o lixo. Não há como não sentir quando vemos homens, mulheres e crianças fuçando o lixo para comer e os confundimos com outros animais, ratos talvez. Memórias, significados, mutações, sentimentos e sentidos... a História está repleta deles.

Acreditamos que refletir sobre o que se descarta e como se descarta o que se acumula e por que se acumula o que se joga fora e por que e onde se joga fora, o que consideramos lixo, sujo ou ideal de limpeza, também é refletir sobre a

cultura de uma cidade, de uma sociedade. Descartar é um gesto cotidiano aparentemente banal, que reflete problemas do cotidiano, fazendo parte de um todo cultural. Assim, pensar essa temática é refletir inclusive sobre uma cultura material em Campina Grande. É pensar sobre como com o passar dos anos a cidade foi ressignificando essas questões.

Tanto no domínio da ciência como fora dela, o que consideramos lixo, o que descartamos ou vemos como desnecessário, feio, sujo, carrega de algum modo memórias de vida. Matéria e subjetividade banalizadas, rejeitadas, muitas vezes relegadas à invisibilidade, mesmo fazendo-se presente em vários pontos da cidade. Problemas relativos ao lixo e limpeza pública atravessam o cotidiano das cidades de pequeno, médio e grande porte. Atravessam questões do cotidiano que estão diretamente ligadas, mesmo que muitas vezes deixemos de observar, à diferenças sociais, à problemas políticos, econômicos e ambientais.

Acreditamos que a medida que levantamos questões sobre como pensar a cidade, as práticas cotidianas dos sujeitos enquanto agentes e produtores de uma cultura, estamos contribuindo com os debates que vem sendo realizados na academia que versam sobre as relações e conflitos sociais, sobre o cotidiano, sobre as reformas urbanas e as tramas políticas e econômicas que estão atreladas. Pensa-se e questiona-se assim a memória e a cultura de lugares e de gentes.

Assim, consideramos que essas questões que colocamos em debate sejam relevantes para se pensar a construção da memória e da história de nossa cidade, trazendo contribuições para a historiografia. Entretanto, ousar também pensar essas questões não apenas para um âmbito acadêmico, mas para toda a comunidade, pois chama atenção para problemas que vem requerendo uma demanda de atenções e discussões cada vez com maior visibilidade e urgência de problemas a serem sanados em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M.F. *Do Lixo à Cidadania: estratégias para a ação*. Brasília: Caixa Econômica Federal e UNICEF, 2001.

AGRA DO Ó, Alarcon, *Da cidade de pedra à cidade de papel: projetos de educação, projetos de cidades - Campina Grande*. Campina Grande: EDUFCG, 2006.

ALMEIDA, Elpídio, *História de Campina Grande*. 2º Ed. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1979.

ARAÚJO, Martha Lúcia Ribeiro de. *Campina Grande; Poder local, mudança nacional (1945-1964)* Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural do Centro de Humanidades da Universidade Federal da Paraíba. Campina Grande, 1985.

CAIAFA, Janice. *A aventura das cidades*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2007.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. *A Política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. Editora Brasiliense, São Paulo. 1984.

CALDERONI, S. *Os Bilhões Pedidos no Lixo*. 4 ed. São Paulo: Humanitas editora/FFLCH/USP, 2003.

CÂMARA, Epaminondas, *Datas Campinenses*. João Pessoa: Departamento de publicidade, 1947.

CAVALCANTI, Silêde Leila Oliveira, *Campina Grande De(fl)vorada por Forasteiros: a passagem de Campina patriarcal a Campina burguesa* In *Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande*. Organizado por Eliete Queiroz Gurjão. Campina Grande: A União, 2000.

CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce e MAYOL, Pierre; *A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 10. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*; tradução de Maria de Loudes Menezes. 3. Ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand/Difel, 1990.

CONCEIÇÃO, M.M. *Os empresários do Lixo: um paradoxo da modernidade: análise interdisciplinar das cooperativas de reciclagem de lixo*. Campinas, SP: Editora Átomo, 2005.

CORBIN, Alain. Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. Tradução: Lígia Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

FERNANDES, Silvana Torquato. *Progresso e modernização em Campina Grande: Da época de ouro do algodão até a consolidação do setor educacional*. In. SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa e DAMASCENO, Francisco José Gomes (orgs.) *Cidades (Re)Inventadas: sujeito(s), fonte(s) e história(s) na Paraíba e no Ceará*. Fortaleza/ Campina Grande, EDUECE/ EDUFCEG, 2010.

GONÇALVES, Teresina. *A cidade como palco da urbanidade*. In. *Cidade e meio ambiente: estudos interdisciplinares*. Coordenação: Teresinha Maria Gonçalves, Robson dos Santos. Criciúma, SC: ED. Unesc, 2010.

GURJÃO, Eliete de Queiroz (org.) *Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande*. Campina Grande: A União, 2000.

LEITE, V.D, *et al.* Estudo Sócio-Ambiental do Lixão da Cidade de Campina Grande, PB. In: *Anais do XXI Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária*. Joinville, 2003.

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples*. Editora Contexto, 2ª Ed. Ver e ampl. São Paulo: 2008.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 2007.

PEREIRA, Suellen Silva e MELO, Josandra Araújo Barreto de. Gestão dos resíduos sólidos urbanos em Campina Grande/PB e seus reflexos socioeconômicos. In.: *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 4, n. 4, p. 193-217, set-dez/2008, Taubaté, SP, Brasil.

PEREIRA, Suellen Silva. Resíduos sólidos e trabalho infantil: a realidade das crianças do “lixão” de Campina Grande, PB. Disponível em http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10526

REZENDE, Antônio Paulo. *Ruídos do Efêmero: histórias de dentro e de fora*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

ROCHE, Daniel. *História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROLNIK, Raquel, *História urbana: história na cidade?* In *Cidade & História* (org.) Ana Fernandes e Marco Aurélio A. de F. Gomes. Salvador: UFBA/Faculdade de Arquitetura. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, ANPUR, 1992.

SILVEIRA, Natércia Janine Dantas, SILVA, Edil Ferreira da, OLIVEIRA, Keila Kaionara Medeiros e QUEIROZ Kalyana Cristina Fernandes. “A vida no lixo e o

lixo na vida”: os fatores de riscos existentes no trabalho dos catadores precoce de lixo na cidade de Campina Grande-PB. Disponível em http://www.sbpcenet.org.br/livro/58ra/SENIOR/RESUMOS/resumo_2787.html

.

SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. *Território de Confrontos: Campina Grande (1920-1945)*. Campina Grande: EDUFCEG, 2006.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de (Org.) *Populares na Cidade, vivências de trabalho e lazer*. João Pessoa: Ideia, 2011.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. *Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)*. Tese de doutorado, UFPE, 2002.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. *O dia em que a cidade (quase) pertenceu a todos: O centenário de Campina Grande (1964)*. In. SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa e DAMASCENO, Francisco José Gomes (orgs.) *Cidades (Re)Inventadas: sujeito(s), fonte(s) e história(s) na Paraíba e no Ceará*. Fortaleza/ Campina Grande, EDUECE/ EDUFCEG, 2010.

SOUZA, Josefa Lúcia Jordão de. *Agradando a Deus e ao Diabo – um estudo sobre a gestão Severino Cabral (Campina Grande – 1959-1963)* Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado em Sociologia Rural do Centro de Humanidades da Universidade Federal da Paraíba. Campina Grande, 1988.

UNICEF - FORUM NACIONAL LIXO E CIDADANIA. Campanha: “Criança no lixo, Nunca Mais”. Julho de 2000. Disponível em: <<http://www.lixoecidadania.org.br> >. Acesso em: 25 de maio de 2005.

VALENÇA, Márcio Moraes (org.) *Cidade (i)legal*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.